

DESTAQUES



"Potencial Mineral da Zambézia continua sem benefícios para a população local" afirmam líderes comunitários do Gilé

Garimpo ilegal arrasta crianças para o trabalho e expõe falhas de fiscalização na Zambézia



Somos o melhor parceiro audiovisual

Disponos os seguintes serviços: i) **Consultoria Multimédia**; ii) **Assessoria de Imprensa**; iii) **Produção Audiovisual**.

ANUNCIE CONNOSCO

E-mail: comercial@hojeemmocambique.org

Degradação das vias de acesso em Marrongane – Quelimane

Governo reconhece o problema, mas não avança as datas da sua reabilitação



©Hoje em Moçambique: Estado actual das vias de acesso de Marrongane

Há mais de dez anos que a população da localidade de Marrongane, distrito de Quelimane, na província da Zambézia, enfrenta dificuldades de transitabilidade, numa altura em que a via de acesso àquela comunidade é considerada a única existente. Esta situação tem levantado debates entre os residentes locais, a sociedade civil e, sobretudo, entre os agentes económicos que exercem as suas actividades naquele ponto da província.

Segundo depoimentos de alguns residentes de Marrongane, circular naquela via utilizando meios de transporte nomeadamente bicicletas, motorizadas e, em alguns casos, carros é praticamente o mesmo que passar a pé, devido ao nível de degradação da estrada. “Passar de mota ou de bicicleta ainda é possível, porque de carro nem vale a pena falar. A pessoa deve se arriscar; a forma mais segura é andar a pé”, frisou João Faizal.

Os entrevistados afirmam ainda que a situação se agrava principalmente durante o período chuvoso, quando a lama, as águas negras e outros obstáculos dificultam ainda mais a transitabilidade dos residentes e de quem passa ali pela primeira vez. Como explica a senhora Margarida André: “Quando a pessoa está doente, a situação piora. Para passar aqui com ambulância tem sido muito difícil, a estrada não está boa.”

Os relatos revelam um cenário de grande lamentação. Contudo, em meio a esta situação, há quem acredite que, se a estrada oferecesse melhores condições de transitabilidade e de transporte de bens, o tempo necessário para chegar à localidade de Marrongane, bem como à cidade de Quelimane e a outros pontos da província, seria mais curto e satisfatório.

“A via é esta, a mais fácil, mas quando cai chuva é um problema. Estamos a pedir ajuda ao governo, para que olhe

para a nossa situação. Desde de manhã até agora estamos a caminhar. Penso que, se a estrada estivesse boa, já teríamos chegado há muito tempo.”

Este problema é do conhecimento das autoridades governamentais. Durante uma visita para a inauguração de uma fonte de abastecimento de água e de uma escola na comunidade, o governador da Zambézia, Pio Matos, reconheceu as dificuldades enfrentadas pela população local, embora não tenha garantido

quando a estrada irá receber uma intervenção para aliviar os transtornos vividos nos últimos anos.

“Eu passei pela estrada, já vi o estado em que ela se encontra. Prometi que vamos intervir na estrada de Marrongane; não estou a dizer que vamos fazer hoje, nem disse que vamos fazer no próximo ano, mas vamos fazer. Está no nosso programa reabilitar as estradas da província da Zambézia.”

Enquanto não há datas concretas para o início das obras de reabilitação, importa destacar que, além de dificultar a circulação de pessoas que pretendem chegar a diferentes pontos do país, as vias de acesso de Marrongane também prejudicam o processo de escoamento de produtos alimentares, com destaque para o arroz, um dos produtos mais produzidos e consumidos em vários pontos desta parcela do país.

Por: CAMANETE AGOSTINHO

XI Gala do Prémio Jovem Criativo

Chapo promete centralizar juventude na agenda nacional, mas respostas concretas ainda ficam para 2026



©Hoje em Moçambique: Chapo participa da XI Gala do prémio jovem criativo

O Presidente da República, Daniel Francisco Chapo, defendeu, no passado sábado, 15 de Novembro de 2025, em Nampula, que a juventude deve ocupar o centro das prioridades nacionais. Ao encerrar a XI Gala do Prémio Jovem Criativo, destacou o papel transformador dos mais de 12 milhões de jovens do país e anunciou programas financeiros, incentivos e reformas destinados a fortalecer o empreendedorismo, a inovação e a inserção económica da nova geração moçambicana.

Ao discursar perante dirigentes governamentais, parceiros e representantes da sociedade civil, o Presidente Daniel Chapo sublinhou que a Gala do Prémio Jovem Criativo não é apenas uma cerimónia de distinção, mas sim “um grito de motivação nacional”. Segundo o Chefe de Estado, a criatividade juvenil tem-se afirmado como motor de transformação social, sobretudo nos distritos, onde muitos jovens desenvolvem negócios e soluções tec-

nológicas mesmo com poucos recursos.

Para reforçar essa dinâmica, Chapo anunciou novas fases dos programas Fundo de Apoio às Iniciativas Juvenis e “Meu Kit, Meu Emprego”, a iniciar em 2026, com créditos bonificados entre 5% e 7% e pacotes de equipamentos que permitam aos jovens criar o seu próprio emprego. Além disso, reiterou que o FDEL continuará a reservar 60% dos fundos para jovens, como forma de ampliar oportunidades económicas ao nível distrital.

O Presidente chamou ainda a atenção para o papel das autoridades locais, defendendo que “nenhum jovem deve ser invisível dentro do seu próprio distrito”. Por isso, saudou publicamente a Moamba pelo reconhecimento exemplar dos seus vencedores distritais, gesto que, segundo Chapo, deve servir de referência nacional.

Do ponto de vista analítico, a intervenção do Presidente sinaliza uma ten-

tativa de recentrar as políticas públicas na juventude, num momento em que o país enfrenta forte pressão demográfica e dificuldades de absorção laboral. Ao reforçar a ligação entre segurança, paz, inovação e crescimento económico, Chapo procura demonstrar que o desenvolvimento depende tanto do combate ao crime e ao terrorismo que assola milhares de famílias no norte do país principalmente em Cabo Delgado, quanto do investimento contínuo na criatividade jovem.

A participação recorde de 7.419 candidatos e o envolvimento de 865 jurados ilustram a crescente adesão ao programa. Para o Presidente, este movimento deverá ganhar mais força com o aumento das parcerias empresariais, como a Total Energies, EMOSE e BCI, e com a criação de uma base de dados nacional que permita acompanhar e conectar talentos a oportunidades reais.

Chapo deixou ainda uma mensagem directa: a juventude criativa é o coração do Moçambique que se renova. E, ao reafirmar que prémios de 150 mil meticais podem ser ponto de partida para futuros empresários, lançou também um desafio para que empresas públicas e privadas ampliem o financiamento desta iniciativa.

Por: AMINA AMISSE

Produção agrícola comprometida em Nampula

Apenas 36 mil hectares foram recuperados após devastação causada pelos ciclones

Com a passagem dos ciclones Jude, Dikeledi e Chido, diversas

Com a passagem dos ciclones Jude, Dikeledi e Chido, diversas famílias, principalmente na zona norte do país, sofreram prejuízos significativos, o que contribuiu para a baixa produção e produtividade devido à devastação de produtos agrícolas naquela região.

No balanço apresentado pelo Director Provincial de Agricultura e Pescas da província de Nampula, Manuel Chicamisse, afirmou que a

produção para o ano de 2024 até o primeiro trimestre de 2025 foi bastante desafiante, devido aos desastres naturais que afectaram campos em todos os 23 distritos da província.

“Esses ciclones atingiram algumas culturas no período de produção, que vai de Dezembro a Março. Na altura, as plantas estavam em fase de germinação, e parte delas foi arrastada”, explicou o dirigente. Segundo os dados le-



@Rádio de Moçambique: Intempéries fazem estragos nos campos de produção

vantados, mais de 36 mil hectares foram devastados na primeira fase, número que aumentou até atingir mais de 100 mil hectares de culturas diversas. Posteriormente, foi possível recuperar apenas os 36 mil hectares, o que representa uma percentagem muito baixa face à produção prevista de 2.900.000 toneladas de culturas diversas para 2024-2025.

Manuel Chicamisse acrescentou que, durante este período de calamidades, foi possível prestar assistência às famílias afectadas. “Quando isso aconteceu, o governo deu assistência imediata aos distritos de Monapo, Nacala-à-Velha, Ilha de Moçambique e Mossoril, distribuindo 20 toneladas de sementes de batata-doce, 100 toneladas de feijão, 100 toneladas de milho, fertilizantes e equipamentos de cultivo, como enxadas e catanas.”

No entanto, o sector pretende investir em represas para conservar água por dois a três meses, um projecto que ainda não saiu do papel devido à falta de fundos. Com a campanha agrícola de 2025-2026, o sector pretende au-

mentar a área cultivada de 2.996.000 para 3.556.763 hectares, o que permitiria produzir mais de 13.457 mil toneladas, representando um acréscimo de 2,4%, caso tudo corra conforme o planejado.

Apesar dos avanços, os desafios para o sector ainda são grandes. “A estrutura de produção da província continua a mesma, com mandioca em grande escala, cerca de 10 milhões de plantas, batata-doce 200 mil, e batata Reno em pequena escala. Recentemente estivemos em Malema para produção experimental e conseguimos produzir cerca de 8 toneladas por hectare”.

Para reforçar a produção, o sector tem prestado assistência com pesticidas e fertilizantes, visando reduzir os impactos de pragas que anteriormente afectavam a produtividade. Além disso, o lançamento da próxima campanha agrícola está previsto para o distrito de Angoche, onde a produção de hortícolas já apresenta avanços significativos.

Por: CAMANETE AGOSTINHO



Manuel Chicamisse, Director Provincial de Agricultura e Pescas da província de Nampula

Na cidade de Nampula

Infra-estrutura reforça justiça, mas combate à corrupção ainda depende de reformas profundas



©Hoje em Moçambique: No âmbito da inauguração do Tribunal Judicial da Província de Nampula

O **Presidente da República, Daniel Chapo, inaugurou no passado sábado, 15 de Novembro de 2025,** o novo Tribunal Judicial da Província de Nampula, destacando que a infra-estrutura marca um avanço na administração da justiça e reforça o compromisso nacional de prevenção e combate à corrupção no sector judiciário.

Durante a cerimónia, Chapo afirmou que a nova infra-estrutura responde à elevada pressão processual da província mais populosa do país. O Chefe de Estado considerou que o edifício representa um passo decisivo para melhorar o acesso à justiça, acelerar a tramitação processual e reforçar a presença do Estado num território marcado pelo tráfico de drogas, exploração ilegal de recursos naturais e imigração irregular.

O Presidente retomou conclusões da recente Conferência Nacional sobre o Combate à Corrupção, sublinhando que o sector judicial não está imune a práticas ilícitas e que a infiltração criminosa destrói a confiança pública e fragiliza o Estado de Direito. Destacou ainda que a percepção de impunidade afasta investidores e compromete o desenvolvimento económico.

Nesse sentido, defendeu reformas assentes na transparência, fiscalização rigorosa, formação ética dos profissionais e criação de canais seguros de denúncia, alertando, porém, para o risco de denúncias de má-fé. Reiterou também que processos envolvendo suspeitas de corrupção no Tesouro já decorrem no Gabinete Central de Combate à Corrupção, sob o princípio de protecção ao denunciante.

Apesar dos avanços, o Chefe de Estado reconheceu carências de recursos humanos e materiais no Poder Judicial, mas assegurou que o Executivo continuará a apoiar a sua consolidação. Ao encerrar, apelou aos magistrados para assumirem o papel de “exemplo” na prática diária, com compromisso ético, responsabilidade e independência.

Por: **AMINA AMISSE**

Exploração de recursos minerais

Garimpo ilegal arrasta crianças para o trabalho e expõe falhas de fiscalização na Zambézia

Nos últimos dias, o garimpo ilegal de recursos minerais no país tem sido um assunto que levanta debates entre as entidades governamentais e a sociedade civil, sobretudo quando se trata do envolvimento de crianças em idade escolar, que optam por esta actividade devido a vários factores, com destaque para a procura de melhores condições de vida para o sustento familiar. Esta situação contribui para o baixo nível de escolaridade dessa camada social,



© O País: Envolvimento de Crianças no processo de extracção de recursos minerais

promovendo, assim, o analfabetismo.

No âmbito da realização do 1º Fórum Provincial de Recursos Minerais, realizado na província da Zambézia, o Secretário de Estado desta parcela do país, Avelino Pinto Muchine, manifestou preocupação relativamente ao envolvimento de crianças nas zonas onde ocorre a exploração destes recursos. “Esta actividade arrasta consigo crianças que, diariamente, são expostas ao perigo da poluição ambiental e às condições precárias durante o seu exercício. O garimpo tem colocado o destino das crianças e jovens em segundo plano”, frisou o dirigente, sublinhando a necessidade de criar condições adequadas para garantir uma boa educação às crianças actualmente envolvidas em actividades que desviam os seus sonhos.

Por outro lado, o dirigente reconhece que, muitas vezes, o envolvimento de crianças e jovens está relacionado com

com os desafios que esta camada enfrenta, nomeadamente a falta de oportunidades de emprego para o sustento familiar. Por sua vez, este processo de exploração ilegal dos recursos minerais contribui para a fraca arrecadação de receitas para o cofre do Estado.

“Devido à falta de emprego formal, recorrem ao garimpo como meio de obtenção de renda para sustentar as suas famílias. Por se constituir uma actividade informal e muitas vezes ilegal, com todos os perigos que ela acarreta para os intervenientes e para o ambiente, torna-se difícil o seu controlo e, como consequência, parte significativa da receita não se reflecte nos cofres do Estado.”

Outra questão preocupante está relacionada com o incumprimento da responsabilidade social por parte de algumas empresas mineradoras nas comunidades onde operam. Em muitas delas, não se verifica o desenvolvimen-

to esperado, sobretudo no que diz respeito à transferência dos 2,75% prevista na Lei de Minas, referente à percentagem das receitas geradas pela extracção mineira que deve ser canalizada para o desenvolvimento das comunidades locais, numa altura em



Avelino Pinto Muchine, Secretário de Estado da Zambézia

que a exploração destes recursos decorre quase em todo país, mas as dificuldades enfrentadas pelas comuni-



dades são aparentemente semelhantes, aliás, nas comunidades verifica-se mais extracção do que desenvolvimento local, semelhando deste modo a desgraça do convívio da população.

“Potencial Mineral da Zambézia continua sem benefícios para a população local” afirmam líderes comunitários do Gilé

A falta do cumprimento desta responsabilidade social é visível nas comunidades onde as empresas estão instaladas. Segundo relatos, havia expectativa de que a chegada desses empreendimentos traria desenvolvimento local, porém a realidade é diferente. A título de exemplo, um líder comunitário do distrito de Gilé, na Zambézia, que participou no evento, afirmou que, apesar do lema do fórum “O Papel da Mineração no Desenvolvimento da Comunidade” apontar para inclusão e progresso, o que se vive no terreno é diferente como explica Alfredo Aguiar, líder comunitário local.

“As empresas que entram naquele distrito não fazem nada para contribuir para o desenvolvimento das comunidades. Segundo este lema do fórum, no distrito de Gilé não se verifica nada”.



Alfredo Aguiar, líder comunitário local



©Hoje em Moçambique: Onde a exploração dos recursos minerais é feita mesmo sem benefícios para as comunidades

No distrito de Gilé, considerado um dos mais ricos em recursos minerais, florestais e faunísticos da Zambézia, as comunidades afirmam estar a ser deixadas para trás, enquanto os recursos continuam a ser explorados diariamente sem o devido desenvolvimento local. De acordo com Alfredo Aguiar, os empresários e mineiros que operam na região “não fazem quase nada em prol da população local”, contrariando os princípios de responsabilidade social e sustentabilidade que deveriam orientar o sector. “Muitos madeireiros e exploradores de pedras passaram por ali e nada deixaram”.

Além disso, a falta de infra-estruturas, como estradas transitáveis, agrava o isolamento e a pobreza das comunidades. O líder comunitário recorda que apenas alguns antigos investidores estrangeiros contribuíram com obras visíveis, como a construção de uma maternidade e a entrega de uma ambulância em Muaiane. Desde então, porém, mais ninguém realizou qualquer intervenção. Por isso, pediu o cumprimento da responsabilidade social por parte das empresas que operam no distrito, com destaque para a melhoria das vias de acesso que ligam a região à Estrada Nacional Nº1.

Sobre este ponto, Avelino Pinto Muchine reconheceu que a província possui diversos recursos minerais que podem impulsionar a economia do país e da própria Zambézia. Contudo, o dirigente enfatizou que “só se transformarão em desenvolvimento quando forem explorados de forma sustentável, responsável e transparente, com benefícios concretos não só para os titulares das licenças, mas também para as comunidades locais”.

O fórum foi visto como uma oportunidade para aproximar o governo, o sector extractivo e a sociedade civil em torno de um objectivo comum: garantir que a exploração dos recursos minerais contribua efectivamente para o crescimento económico e o bem-estar social da população.

De referir que o debate sobre o 1º Fórum Provincial de Recursos Minerais, realizado sob o lema “O Papel da Mineração no Desenvolvimento da Comunidade”, visou também reforçar a urgência de rever políticas públicas que conciliem o aproveitamento dos recursos naturais com a protecção social e ambiental no país.

Por: AMINA AMISSE & CAMANETE AGOSTINHO

Crónica do Dia

www.hojeemmocambique.org

DANIEL CAZIMOTO

FUNERAL OU EVENTO SOCIAL?

Hoje em dia, os funerais têm mostrado situações que merecem uma reflexão. O que deveria ser um momento de silêncio e despedida, às vezes se transforma em um espaço de vaidade e exagero. Entre o desfile de roupas e o consumo de bebidas alcoólicas, o verdadeiro significado do luto acaba se perdendo.

Tem se tornado cada vez mais comum ver mulheres chegando aos funerais como se fossem desfiles de moda. Cada uma com uma roupa escolhida com muito cuidado, vestidos ajustados e perfumes que parecem competir com o cheiro da terra recém-cavada. Em vez de usar preto, muitas optam por cores vibrantes. Parece que a dor fica em segundo plano, enquanto a vaidade ganha destaque, e o caixão vira uma passarela silenciosa onde a elegância é exibida.

Os homens, por sua vez, não escondem o interesse. Muitos desviam o olhar do falecido para admirar as belezas que ali circulam. É quase como um espetáculo à parte. Enquanto alguns choram, outros observam com atenção. As mulheres parecem saber que estão sendo olhadas; ajustam a capulana, arrumam o cabelo, ensaiam um sorriso discreto. Aqui, o luto também vira uma oportunidade de visibilidade. E os homens, mesmo chorando, não resistem à tentação.

Parece que o cemitério vira um lugar onde a dor e o desejo se encontram, quase como um mercado de vaidades. Outro fenómeno

notório é o consumo excessivo de álcool. Nos locais de concentração, antes do funeral, já se encontram grupos de homens com copos e garrafas. O encontro que deveria preparar o espírito para o último adeus transforma-se em pré-festa. Homens que chegam cedo já procuram a sombra onde se vendem bebidas. Depois do funeral, a cena repete-se. O álcool corre solto, como se fosse parte obrigatória do ritual. O choro dá lugar à gargalhada, e o respeito ao malogrado é substituído pelo excesso, a dor é abafada pelo barulho das conversas embriagadas.

O falecido, coitado, vira espectador involuntário. Talvez sorria lá do silêncio: "nunca reuni tanta beleza no mesmo lugar." Ou talvez se entristeça: "nem na minha despedida conseguem prestar atenção em mim." Mas a verdade é que o caixão é apenas cenário. O espetáculo é das roupas, dos perfumes é dos olhares que se cruzam.

O que se vê é uma contradição clara. Funerais que deveriam ser momentos de solidariedade e recolhimento tornam-se eventos sociais. É como se a morte fosse apenas desculpa para a vida se mostrar. A vaidade insiste em desfilar, o desejo insiste em olhar as curvas da capulana. E nós, os observadores, ficamos divididos entre a indignação e o riso. Porque, afinal, somos um povo que sabe rir até da própria desgraça, que transforma o trágico em cômico, que encontra metáfora até no cemitério.

Outro cenário que merece atenção é a preferência de comida na cerimónia simbólica de agradecimen-

to. A família, já fragilizada pela dor, vê-se obrigada a satisfazer pedidos específicos de pratos, como se o luto fosse também banquete. Há quem reclame da ausência de arroz, quem exija frango ou cabrito, ou ainda porque tem diagnóstico de gastrite e não deve consumir feijão, quem se indigne se não houver cerveja para acompanhar. O morto, que deveria ser lembrado em silêncio, torna-se pretexto para uma mesa de exigências. A dor da família é sufocada pelo peso das panelas, e o funeral. É como se a memória do falecido fosse medida pelo sabor do prato servido, e não pelo legado deixado em vida.

É preciso reconhecer que esses comportamentos refletem hábitos culturais e sociais mais amplos. A busca por visibilidade, o consumo como fuga. Mas isso não justifica a banalização da dor. O funeral não pode ser confundido com festa ou desfile. Esses fenómenos têm impacto directo na forma como a sociedade encara a morte. O respeito diminui, a seriedade desaparece. Jovens crescem vendo funerais como oportunidades de mostrar estilo ou de beber sem medida. O ritual perde o seu valor simbólico e espiritual.

A sociedade precisa refletir: que mensagem estamos a transmitir? Que memória deixamos ao malogrado? Que exemplo damos às gerações futuras? O funeral não pode ser reduzido a espetáculo de vaidade. O falecido, que deveria ser protagonista, torna-se figurante. O respeito, que deveria ser regra, vira exceção. É urgente recuperar o sentido do funeral como espaço de despedida digna. A morte merece silêncio, respeito e memória — não passarela nem barraca de copos.